



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL



MORGANA SANTIAGO SANTOS REIS

**A PERCEÇÃO DE DIFERENTES ATORES SOCIAIS SOBRE A RELAÇÃO
ENTRE CULTURA, CORPO E COTIDIANO**

LAGARTO/SE – 2023

MORGANA SANTIAGO SANTOS REIS

Orientadora: Profa. Dra. Luana Feroni Andrade

Co-orientadora: Profa. Dra. Raphaela Schiassi Hernandes

**A PERCEPÇÃO DE DIFERENTES ATORES SOCIAIS SOBRE A RELAÇÃO
ENTRE CULTURA, CORPO E COTIDIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Terapia Ocupacional.

MORGANA SANTIAGO SANTOS REIS

**A PERCEPÇÃO DE DIFERENTES ATORES SOCIAIS SOBRE A RELAÇÃO
ENTRE CULTURA, CORPO E COTIDIANO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado a aprovado como cumprimento das exigências legais da Resolução 36/2011 CONEPE-UFS do currículo do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Lagarto/SE.

Lagarto/SE, _____ de _____ de _____.

Avaliadores:

Profa.Dra Luana Foroni Andrade

Orientador

Profa. Dra. Raphaela Schiassi Hernandes

Co-orientador

Profa. Dra. Marina Batista Chaves Azevedo De Souza

Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita de Cássia Barcellos Bittencourt

Membro da Banca Examinadora

RESUMO

O corpo está intimamente ligado às interpretações e percepções de mundo, isso impacta na identidade individual e coletiva dos sujeitos. Esse trabalho objetiva analisar a percepção de diferentes atores sociais sobre a cultura e o corpo no cotidiano. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, que utiliza como instrumento de coleta de dados um questionário online contendo questões relacionadas aos aspectos pessoais, sociais e sociodemográficos, posteriormente, uma entrevista aberta pela plataforma Google Meet. As narrativas trazem a percepção de corpos que não respondem a um padrão social, com falas na direção de uma preocupação com a perda da identidade ao tentar responder aos padrões da sociedade contemporânea. Compreende-se que para esses atores sociais a cultura perpassa o cotidiano e o poder do meio influencia na relação com seus corpos, posto que seus corpos estão inseridos em práticas que habitam o campo da interação entre a cultura, saúde e o meio.

Palavras-Chave: Corpo; Cultura; Cotidiano.

ABSTRACT

The body is closely linked to the interpretations and perceptions of the world, which impacts on the individual and collective identity of the subjects. This work aims to analyze the perception of different social actors about culture and the body in everyday life. It is characterized as a qualitative research, of the descriptive type, which uses an online questionnaire as a data collection instrument containing questions related to personal, social and sociodemographic aspects, later, an open interview through the Google Meet platform. The narratives bring the perception of bodies that do not respond to a social standard, with statements in the direction of a concern with the loss of identity when trying to respond to the standards of contemporary society. It is understood that for these social actors, culture permeates everyday life and the power of the environment influences the relationship with their bodies, since their bodies are inserted in practices that inhabit the field of interaction between culture, health and the environment.

Keywords: Body; Culture; Daily.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização da amostra quanto ao gênero, Pessoas com Deficiência e Raça/Etnia dos participantes. **14**

Tabela 2. Caracterização da amostra quanto à Escolaridade, Trabalho e Renda dos participantes. **15**

Tabela 03. Caracterização da amostra quanto à Moradia, Religião e Grupo de Cultura dos participantes. **16**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
PERCURSO METODOLÓGICO	11
Local da Pesquisa.....	11
Participantes da Pesquisa	12
Aspectos éticos.....	12
Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados	12
Análise dos Dados.....	13
RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	13
1º tema: Cultura como legado e conhecimento.....	16
2º Tema: Cultura como expressão, a influência do estético e do belo sobre os corpos.....	19
3º Tema: Corpo: Percepção em unidade X Percepção dicotômica	21
4º Tema: Corpo e cultura sobre a influência do binômio saúde e doença.	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS	28

A PERCEPÇÃO DE DIFERENTES ATORES SOCIAIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE CULTURA, CORPO E COTIDIANO

THE PERCEPTION OF DIFFERENT SOCIAL ACTORS ON THE RELATIONSHIP BETWEEN CULTURE, BODY AND EVERYDAY LIFE

INTRODUÇÃO

O corpo e suas formas de funcionamento são resultantes de vários aspectos, como a cultura, o cotidiano do sujeito e os acontecimentos nele vividos, os vínculos construídos e a subjetividade. Estes moldam os jeitos em que os corpos funcionam na vida, tornando-se impossível ter uma compreensão a respeito do corpo que esteja separada dos comportamentos que são vivenciados pelos sujeitos no ambiente, posto que, é dessa forma que as ações os fazem seres presentes no mundo (LIBERMAN, 2010).

Ainda para Liberman (2010), o corpo é resultado de vivências e processos, ou seja, tudo que o ocorre na vida do homem, e no que tange aos processos subjetivos. Assim, o encontro com o outro passa a ser fundamental à medida que promove perturbações provocadas por esse outro, enquanto presença viva.

Corroborando a isso, Almeida (2006) diz que a relação com o mundo por meio dos sentidos acontece para criar, conhecer e interpretar como ele foi construído. A partir da percepção do mundo é que as possibilidades de interpretações da vida são geradas.

O corpo está intimamente ligado a essas interpretações e percepções de mundo, impactando na identidade individual e coletiva. Quando refletimos sobre essa construção de identidade dos corpos, compreendemos o impacto das manifestações e vivências culturais. Essas manifestações, influências e percepções marcam a identidade e a subjetividade de cada ser, apresentando aspectos positivos e saudáveis, como também, o contrário desse efeito. Nesse ínterim, assim como, a percepção de bem-estar e conforto, o corpo também sofre modificações no decorrer do tempo, pois ele se organiza por meio das provocações do ambiente em que a pessoa está presente, da sociedade em que está inserida e das pessoas com quem interage.

Dessa maneira, além das questões físicas, o corpo sofre influência do meio cultural, visto que as interações que ocorrem por meio da cultura constroem o arcabouço de historicidade corporal, assim, o físico passa a reconhecer as individualidades de cada um,

reprimindo, portanto, a ideia de um corpo padrão, comum a todos (MENDES; NÓBREGA, 2004).

Ainda sim, a padronização e a busca por um corpo perfeito, padrão, ainda são observados na sociedade. As percepções de “corpo perfeito” no decorrer da história sempre estiveram atreladas a fatores sociais e culturais, os quais mudam constantemente e variam de acordo com a região e período. Nesse sentido, na sociedade hodierna há uma forte influência das mídias sociais na idealização do corpo, posto que, é por meio delas que há a exibição de corpos dentro do padrão de beleza estética. Ademais, a necessidade de obter o corpo ideal, gera diversos problemas de saúde nas pessoas que têm buscado alcançar os padrões vigentes induzidos pela mídia (BARACAT; BARACAT, 2016).

Essa busca incessante para alcançar um padrão de vida calcado em mudanças estéticas e acesso a bens de consumo, pode causar uma relação de distanciamento da pessoa com o próprio corpo. Para Andrade, Wilk e Vasconcellos (2004), se o padrão cultural dominante da sociedade é o jovem, significa que pode intervir nas condições devida e no tempo, logo, a cultura desvaloriza os fatores relacionados à doença, velhice e vitalidade, bem como, as pessoas que não se encaixam na concepção de corpo padronizado.

A percepção de bem-estar e conforto sofre alterações constantes, por estar intimamente ligada às questões culturais e, também, classes sociais, como consumo, manutenção de estilo de vida, moda, estética, prazer, materiais tecnológicos e outros. Todavia, a construção desse padrão nem sempre é cabível à realidade dos sujeitos, visto que é pautado no consumismo, enquanto que o grau mínimo material e universal para se referir à qualidade de vida, corresponde às necessidades básicas, como acesso à alimentação, saneamento básico, água potável, educação, lazer e outros (MINAYO; HARTZ; BUZZ, 2000).

Todo fazer e toda atividade humana criam novas estruturações em um corpo (CIRINEU, ASSAD; UCHÔA-FIGUEIREDO, 2020). Com base nessa perspectiva, Liberman (2002) aponta que o corpo no cotidiano gera ações que podem potencializar ou não a receptividade de fluxos que atravessam o corpo; e as atividades expressivas como a dança, teatro, atividades corporais etc., auxiliam na compreensão dos sujeitos acerca de um olhar que favorece seus corpos e a potencialidade dos mesmos.

Segundo Agnes Heller (2014, p. 31-34), “a vida cotidiana é a vida de todo homem”, ou seja, ela é a vida do homem nas suas participações sob vários aspectos, não só sobre o significado dado às coisas, mas também as atividades que fazem parte da vida orgânica, como

o lazer, descanso e outros, ademais, o homem já nasce imerso na sua cotidianidade, pois é na sociedade que ele adquire todas as habilidades da vida.

No que diz respeito ao cotidiano, ele é o espaço-tempo em que o indivíduo, de maneira individual ou coletiva, acessa recursos, cria meios de ser, viver e estar no mundo, cria novas maneiras de se reinventar e novos mecanismos de resistência. O cotidiano atravessa a condição humana por meio da experiência revelada enquanto narrativa posta nas sociedades, pois além de absorver as experiências passadas, as pessoas também criam seu próprio e novo cotidiano. Ademais, este está diretamente ligado à vida humana, posto que ele é composto por características distintas, que se complementam ao longo da existência (GALHEIGO, 2020).

O cotidiano é modificado ao longo do tempo conforme a cultura, as classes sociais e idades, além disso, ele conduz os afazeres da manutenção da vida, o lazer, o ócio, o brincar, a religião e, entre outros. Ao passo que estas atividades vão se moldando no espaço-tempo, há uma hierarquização dinâmica do cotidiano, visto que elas variam de significação e importância no dia a dia (GALHEIGO, 2020).

No que tange à Terapia Ocupacional, seu processo de construção ocorre em meio às mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que acontecem ao longo do tempo. De acordo com Valent e Eliane (2016) o terapeuta ocupacional é solicitado a tratar diferentes sujeitos, os quais possuem aspectos relacionados ao local em que ocupam na comunidade. Diante disso, entende-se que essas questões transpassam o cotidiano não só do sujeito, como também, dos profissionais, posto que ambos estão inseridos em práticas que habitam o campo da interação entre a cultura e a saúde.

Sabe-se que a tradição é capaz de gerar fazeres corporais, posto que ela é incorporada pela cultura e se faz presente no cotidiano. Diante disso, a tradição guarda em si não apenas a potência da construção de corpos, mas também, como potência criadora de esquemas que asseguram a abertura de novas possibilidades, bem como, de retorno ao passado. Desse modo, a tradição tem função de guardar a memória de um gesto, de uma técnica que já foram realizados e que sofrem mudanças constantes no decorrer do tempo, diante disso, o corpo se transforma à medida que fatores relacionados à genética ganha outras técnicas culturais, e assim, todo o fazer do corpo cria novos processos que irão gerar história e, consequentemente, tradições (ALMEIDA, 2006).

No que tange à cultura ela é compreendida como elemento pertencente ao ser humano e suas proporções nos levam a compreender, também, as ocupações humana, Ela assimila a capacidade de criação de símbolos, os quais possibilitam às pessoas, maneiras de se

relacionar com o mundo e de produzir valores (SILVESTRINI; SILVA; PRADO, 2019). Dessa maneira, na sociedade hodierna e no atual cenário da liquidez das relações humanas, o material cultural pode ser conceituado como atividade humana, uma vez que, as organizações e reorganizações das ações, estão em constantes mudanças (BAUMAN, 2013).

Segundo a Constituição Brasileira (1988, Art. 205), "o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais". Ante o exposto, é preciso que haja fiscalização a fim de que essa garantia seja, de fato, efetiva, com a finalidade de que as mudanças na realidade da população continuem ocorrendo, já que, apesar de os fatores culturais serem parte da construção da identidade das pessoas, eles colaboram para a permanência de paradigmas.

A cultura é flexível e dinâmica, portanto, ela é transformada constantemente e não permanece fixa no espaço e no tempo, por conseguinte, os profissionais que trabalham nessa área também devem acompanhar as mudanças que ocorrem e se adaptarem a elas. Nesse sentido, na Terapia Ocupacional, o conceito de cultura passa a ser entendido enquanto expressão de identidade. Os profissionais estarão trabalhando com sujeitos que possuem individualidades subjetivas e singulares e, logo, no momento em que elas são reconhecidas enquanto cultura, atravessa a prática da terapia ocupacional (GONÇALVES; DA COSTA; TAKEITI, 2017).

Ademais, esse atravessamento ocorre no momento em que um sujeito em situação de vulnerabilidade estabelece um tipo de contato para além do meio no qual está inserido, pois, ao frequentar uma oficina de arte, por exemplo, ele pode não se tornar um artista, mas, irá compreender que é possível transitar entre os meios e papéis existentes na sociedade e que, as trocas sociais feitas a partir disso, podem ser capazes de promover mudanças e autonomia (VALENT; ELIANE, 2016).

Para Barros, Almeida e Vecchia (2007), é necessário que o terapeuta ocupacional tenha a capacidade de construir intervenções relacionadas às culturas específicas, a fim de que isso rompa com os procedimentos técnicos já estabelecidos, porque cada grupo social possui suas particularidades e elas devem ser compreendidas e valorizadas, já que as mesmas proporcionam maneiras distintas de organização e não podem ter o mesmo tipo de abordagem que outras.

Os profissionais devem dar valor à diversidade com um olhar crítico para a formulação de novas ações e revisões literárias em Terapia Ocupacional. Isto consiste em

aceitar que existem públicos diferentes e de diversas formas, repletos de identidades e saberes únicos. Com isso, é preciso que durante a ação social esses aspectos sejam considerados para que haja um debate dos planejamentos e das perspectivas na profissão.

Ante a complexidade e implicações da relação da cultura na relação das pessoas com seu corpo para a Terapia Ocupacional, este trabalho tem por objetivo geral analisar a percepção de diferentes atores sociais sobre a cultura e o corpo no cotidiano e como objetivos específicos, compreender o significado de corpo para os participantes, entender o que é cultura para os atores sociais entrevistados e analisar como a cultura afeta a relação com o corpo no cotidiano.

O conceito de ator social para Ferreira (2017), está ligado à função, ou seja, é um ator que participa da ação concreta. O ator social, participa do coletivo, pois tem um papel atuante nesse meio, além disso, essa posição que ele ocupa, não se dá apenas nas relações de dominação, mas também de influência e cooperação. Dessa forma, os atores sociais são compreendidos enquanto sujeitos que participam de um determinado coletivo e ocupam uma posição definida, dinâmica e que participa de vivências.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa se propõe a pesquisar essa temática ainda pouco explorada na literatura, propondo a investigar e compreender o significado dos fenômenos na compreensão desta relação complexa e dinâmica entre atores e suas relações com estes aspectos.

PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa possui natureza qualitativa e descritiva. A pesquisa qualitativa foi escolhida, pois responde a questões muito particulares e visa entender e explicar fatos sociais de diferentes maneiras, através dos conhecimentos grupais e individuais, sendo assim possível compreender por meio do relato de grupos e atores sociais processos dinâmicos que não podem ser quantificados (FLICK apud BRUCHÊZ, 2018). Ademais, por ter a finalidade descritiva, é possível identificar a relação entre as variáveis obtidas na coleta de dados, analisá-la e interpretá-la de maneira imparcial (BRUCHÊZ, 2018).

Local da Pesquisa

A presente pesquisa faz parte do projeto guarda-chuva intitulado de; *A Essência*

Humana: sentimentos, emoções e afetos, uma viagem pela vida sob o olhar de diferentes atores sociais, realizado durante o ano de 2020. Devido ao período de crise sanitária da Pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus, que trouxe adaptações nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, a coleta foi realizada de maneira remota pela plataforma Google Meet, através do uso de questionários e entrevistas abertas com os participantes. Fruto de uma iniciação científica, o estudo atual em caráter de Trabalho de Conclusão de Curso, se propõe a analisar os dados angariados a partir das narrativas dos atores sociais entrevistados na região de Lagarto-SE.

Participantes da Pesquisa

A amostra do estudo foi do tipo bola de neve, por conveniência, sendo os atores sociais mapeados em redes sociais, organizações representativas e mídias sociais. Foram incluídas pessoas de ambos os sexos, com dezoito anos ou mais de idade, com forte influência e liderança em associações, ONGs, instituições religiosas e educacionais no município de Lagarto e região, no estado de Sergipe.

Aspectos éticos

A principal questão ética dessa pesquisa refere-se à garantia de anonimato dos participantes, em todas as publicações decorrentes da mesma, sendo compromisso assumido pelas pesquisadoras. Diante disso, a presente pesquisa foi executada depois do aceite dos participantes e preenchimento, de maneira online, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual clicaram na opção concordando, uma vez que no TCLE estavam explicitados os objetivos da pesquisa, a garantia do anonimato dos participantes e a forma de utilização dos dados provenientes da investigação. Ademais, ressalta-se que esse estudo possui aprovação em Comitê de Ética e Pesquisa, CAAE: 29943520.9.0000.5546, processo nº 4.490.562.

Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados foi executada pela plataforma digital Google Meet, em que, inicialmente, foi disponibilizado um questionário online a fim de colher informações pessoais como idade, profissão, estado civil, naturalidade e religião, posteriormente, foi feita uma entrevista aberta pela mesma plataforma, seguindo um roteiro com dezesseis

perguntas abertas (APÊNDICE A), do roteiro da pesquisa pólo, no entanto, para este estudo utilizou apenas quatro delas, pois eram as que se relacionavam sobre a temática: “*O que é corpo para você?*”; “*Como você percebe seu corpo no cotidiano?*”; “*O que significa cultura para você?*”; “*Você acredita que a cultura afeta nossa relação com o corpo?*”.

Análise dos Dados

A análise dos dados quantitativos para caracterização da amostra foram transferidos para uma planilha do excel e analisados a partir do software *Statistical Package for the Social Sciences* - SPSS versão 22.1. Sendo utilizados para análise descritiva números brutos, frequências simples e porcentagens. Já a análise dos dados qualitativos ocorreu por meio de leituras flutuantes das entrevistas dos participantes da pesquisa, tomando contato com os documentos a serem analisados, conhecendo o contexto e deixando fluir impressões e orientações.

Sendo utilizados para análise descritiva números brutos, frequências simples e porcentagens. Já a análise dos dados qualitativos ocorreu por meio de leituras flutuantes das entrevistas dos participantes da pesquisa, tomando contato com os documentos a serem analisados, conhecendo o contexto e deixando fluir impressões e orientações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 15 líderes de diferentes esferas sociais, com média de idade entre 44 anos, sendo a maioria homens brancos, sem deficiência, ativos no mercado de trabalho, com renda superior a um salário mínimo, graduação completa e residentes na zona urbana. Dados sociodemográficos dos participantes:

Tabela 1. Caracterização da amostra quanto ao gênero, Pessoas com Deficiência e Raça/Etnia dos participantes.

VARIÁVEIS	Nº	%
Gênero		
Masculino	11	73,33
Feminino	4	26,67
Total	15	100
Pessoa com Deficiência		
Sim	0	0
Não	15	100
Total	15	100
Raça/Etnia		
Amarelos	0	0
Brancos	7	46,67
Indígenas	0	0
Negros	2	13,33
Pardos	5	33,33
Outros	1	6,67
Total	15	100

Tabela 2. Caracterização da amostra quanto à Escolaridade, Trabalho e Renda dos participantes.

VARIÁVEIS	Nº	%
Escolaridade		
Fundamental Incompleto	1	6,67
Fundamental completo	2	13,33
Médio incompleto	0	0
Médio completo	0	0
Superior incompleto	3	20,0
Superior completo	9	60,0
Total	15	100
Trabalho		
Ativo no mercado	10	66,67
Desempregado	2	13,33
Aposentado	3	20,0
Total	15	100
Renda		
Total	15	100
Raça/Etnia		
Amarelos	0	0
Brancos	7	46,67
Indígenas	0	0
Negros	2	13,33
Pardos	5	33,33
Outros	1	6,67
Total	15	100

Tabela 03. Caracterização da amostra quanto à Moradia, Religião e Grupo de Cultura dos participantes.

VARIÁVEIS	Nº	%
Moradia		
Zona Urbana	12	80,0
Zona Rural	3	20,0
Total	15	100
Religião		
Católica	6	40,0
Umbanda	1	6,67
Santo Daime	1	6,67
Espírita	1	6,67
Ateu	1	6,67
Wicca	1	6,67
Outros	4	26,67
Total	15	100
Grupo de cultura		
Sim	4	26,67
Não	11	73,33
Total	15	100

A análise dos discursos dos atores sociais foi categorizada para discussão com a literatura em quatro temas que se revelaram muito fortes nas falas dos atores sociais, diante disso, foram divididas as narrativas em: Corpo e cultura como legado e conhecimento; Cultura como expressão, a influência do estético e do belo; Corpo: Percepção em unidade X Percepção dicotômica; e Corpo e cultura sobre a influência do binômio saúde e doença.

1º tema: Cultura como legado e conhecimento

A cultura causa impacto sobre o sentido que os sujeitos dão à vida e os seus

costumes. Conforme Santos e Mezzaroba (2013, p. 3), “a cultura é entendida aqui como o conjunto de normas, costumes, valores e hábitos de uma determinada sociedade e que são passados de geração a geração”. Portanto, há uma dificuldade em realizar a definição do termo, posto que não há um único conceito de cultura, nem mesmo uma única cultura, e sim, uma diversidade delas, “culturas” que se fazem presentes nos mais diversos tipos de cotidianos.

Nesta pesquisa, a compreensão sobre cultura, a partir da construção de cultura como um legado de gerações e sua importância na passagem de valores e saberes fica evidente em falas como:

“Quando a gente fala em cultura a gente fala em conhecimento, quando a gente fala em cultura a gente fala em, em hábitos, em costumes, né? É, a cultura ela, ela, ela pode ser mutável, ela pode ser moldada de acordo com o meio que você está exposto. Então, cultura é diversidade, né? Cada povo, cada povo tem a sua cultura, tem seus hábitos, suas rotinas [...]” (Participante 08).

“Educação, saúde, conhecimento. Acho que é um conjunto de coisas [...]. Arte, é tudo que eu, você, ou nós em conjunto podemos deixar para futuras civilizações” (Participante 13).

Segundo Stuart Hall (2002), é por meio do fazer, do pensar, do sentir e o modo de representar o uso que fazemos das coisas que damos significado, desse modo, é por meio da forma como as integramos em nossas práticas cotidianas e culturais que os significados são dados aos objetos, eventos e outros.

As manifestações culturais de dança, brincadeiras e festejos são exemplos dessa apropriação dos saberes e legados e de como eles avivam e conectam nossos corpos no cotidiano com a cultura local. Como referência a isso, há na cidade de Estância, no estado de Sergipe a presença de uma alegoria associada aos festejos juninos da cidade, intitulado Barco de Fogo, que se tornou parte da cultura local, posto que os cidadãos do município preservam e engajam na preservação dessa expressão popular em seus costumes diários (RAMOS, 2018).

“É uma coisa boa, eu tenho pra mim que é uma coisa boa. Aqui em São João tem barco de fogo, tem muito buscapé” (Participante 02).

Atrelado a isso, o cotidiano varia conforme o contexto, ou seja, varia de acordo com os laços culturais, gênero, idade e outras variáveis, além de que, segue as regularidades de cada tempo (GALHEIGO, 2003). Nesse sentido, ao relacionar o cotidiano

com a cultura, Hall (2002) traz a cultura como um conceito que assiste não só discussões teóricas, mas, que realiza também análise de distintos fenômenos. Além disso, para o autor, a cultura possui duas dimensões, uma que incorpora os fenômenos sociais e outra que engloba os modelos cognitivos.

“É a soma de todas as tradições, de todos os aprendizados, tudo aquilo que é passado para você de forma informal” (Participante 12).

De acordo com Zubaran, Wortmann e Kirchof (2016), diferentes grupos sociais produzem e reproduzem diferentes conceitos de cultura, posto isso, os significados culturais não são evidentes, além disso, é no momento em que são produzidos sistemas que os classifiquem e atribuam sentidos à realidade, que a cultura nos situa enquanto sujeitos.

“A cultura está muito ligada à questão dos costumes, da tradição de determinado povo. É algo que é muito importante, que precisa ser respeitado, intimamente está muito ligado com a formação do caráter, com a forma de pensar de uma pessoa [...]” (Participante 14).

Fato é que, a cultura tem impacto importante na formação de identidade, sendo que a globalização influencia no modo de deslocamento das identidades centradas em uma cultura nacional, posto que exerce influência plural sobre as identidades, transformando-as em identidades mais diversas e plurais (MORAES, 2019). Assim,

“Um exemplo mais chocante, é as etnias indígenas, toda aquela dieta, todo aquele hábito, regime estético que é muito particular da cultura que transforma completamente os corpos, acho que de maneira mais sutil dentro desse modelo ocidental de civilização um pouco mais homogeneizado” (Participante 10).

Em contrapartida, esse processo também revela a defesa de uma homogeneização cultural, ou seja, oposto à fragmentação global. Haveriam locais em que estes não seriam atingidos pela globalização da mesma maneira ou que esta seria um acontecimento, sobretudo, ocidental. Esse fenômeno influencia diretamente no corpo. Corpo este que é um condutor de representatividade interna e externa rodeada de criações do cotidiano, alicerçado em uma subjetividade (RIOS, 2013).

“A cultura é conhecimento, a cultura é a soma de vivência e conhecimento. A cultura tem o lance da prática, ela é vivência cotidiana. É você pegar aquela massa de conhecimento que você tem vai lá e aplica e vive o lance. Sente na pele qual que é o rolê [...]” (Participante 15).

O cotidiano é um espaço-tempo em que o sujeito, individual ou coletivo enfrenta obstáculos, toma decisões e cria novos meios de ser, viver, estar e fazer. Além disso, ao passo que o cotidiano é vivido nos mais variados contextos, há a existência de cotidianos, os quais vivem em variados espaços-tempo (GALHEIGO, 2020).

2º Tema: Cultura como expressão, a influência do estético e do belo sobre os corpos

Para Hall (2002), a cultura torna-se algo fundamental, não apenas das práticas, mas, também, de modelos utilizados para conceder sentido à realidade.

“É um conjunto de coisas, de crenças, de ideias, de práticas e fazeres que são sua lente, sua lente para o mundo. Acho que são cosmos visões, eu gosto muito dessa palavra “cosmos visões” por que eu acho que dá uma ideia boa do que as culturas fazem com as pessoas. Por que cada cultura ela vai imprimir um jeito de você ver o cosmo, de você ver tudo que é fora de você e dentro de você também, acho que as culturas têm essa importância” (Participante 10).

Assim como, a participante traz a importância da cultura imprimindo identidade aos corpos, podemos perceber o corpo e sua expressão ligados às vivências dos sujeitos do ambiente no qual se está inserido. À vista disso, o corpo reflete a sociedade em que se está e, desse modo, deve ser percebido em uma dimensão social sob a ótica da cultura. É por meio do corpo que a pessoa se agrega no contexto social, ao interagir com seu eu e com o seu mundo (SANTOS; MEZZARROBA, 2013).

“Então eu tento fazer com que meu corpo, como eu me visto, seja uma expressão de algo que a pessoa vai tirar confiabilidade” (Participante 7).

Há uma preocupação com a expressão e com a imagem manifestada pelo corpo, dentro das culturas. O que corrobora com Daólio (1994) que afirma que o corpo é uma dimensão da cultura “já que cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes” (p.36). A exemplo disso, temos as “mulheres-girafa” na Tailândia, um costume da tribo em que as mulheres usam anéis no pescoço feitos de latão, criando a ilusão de que este é mais alto que o normal. Segundo a crença local, esses anéis a protegeria de ataques de tigres, comuns na região, e se removesse os anéis, seria expulsa da comunidade (PIMENTA, 2017).

Diante disso, não há se humano sem cultura, ou seja, todas as pessoas são influenciadas pelos costumes e valores, afinal, o corpo é para além de algo biológico, ele é compreendido enquanto legado de diferentes histórias. Isso é reforçado pelo discurso de um dos participantes da pesquisa:

“Afeta sim porque a gente aprendeu a se relacionar melhor com os outros, né? A cultura tem esse poder, né? Então essa química, do relacionamento com o outro, então, isso é muito importante pra gente, né? Fazer parte dessa cultura e passar para as pessoas a importância da nossa identidade e o relacionamento um com o outro. Isso é muito importante, isso é algo de bom pra nossa cultura e pra nossa gente, o relacionamento entre pessoas” (Participante 01).

De acordo com Santos e Mezarroba (2013) o corpo é construído socialmente e não algo apenas natural/biológico, uma vez que, a dimensão cultural no Brasil, ocidentalizado com o corpo é “livre”, em que este é exposto e bronzeado, enquanto em alguns locais do Oriente, este corpo é algo “sagrado”, que deve ser preservado, escondido. Por esse ângulo, percebe-se que os diferentes valores que são conferidos ao corpo são determinados, também, pela cultura.

“A gente tem a cultura da magreza, cultura do cara malhadão, a gente tem a cultura do cara bem-sucedido, a cultura de tudo isso aí que a mídia passou para gente quando estamos lá no feed rolando. E a gente acaba lidando com isso como? Se sentindo um bosta, vai se sentir muito ruim, vai ficar bad mesmo. E vai se sentir impotente, cada vez pior. E o nosso corpo vai ficar refletido como? A gente não vai conseguir desenvolver nosso projeto por insegurança, por causa de outros roles, sabe?” (Participante 15).

Na sociedade hodierna, assistida pela modernidade, o conceito de corpo passou a ser visto sobre os aspectos estéticos, diante disso, os modelos sociais de corpos forçam as pessoas a estarem dentro dos padrões de beleza. Impulsionando, assim, o culto ao corpo, ao belo, entretanto, os investimentos na aparência, faz com que os indivíduos recorram a procedimentos e mecanismos estéticos para adequação aos padrões, mutáveis, preestabelecidos pela sociedade. (SANTOS;MEZZARROBA, 2013)

“Na cultura brasileira tem um corpo esculpido, é muito importante então você ver essa loucura aí das mulheres arrancando até costela para poder ficar com a cintura mais acentuada, essa loucura desses meios aí, cirurgias plásticas e tudo mais. Então, acho que isso tudo é resultado de uma cultura que idolatra o corpo” (Participante 12).

Além disso, ao relacionar com a cotidianidade, Galheigo (2003) aponta que a vida cotidiana é heterogênea tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto às significações. Diante disso, é possível compreender o modo como a cultura brasileira, conforme citado na narrativa acima, influencia na percepção dos sujeitos sobre seus corpos, visto que apesar de o cotidiano de cada pessoa ser único, as amarras culturais estão intrínsecas a ele.

3º Tema: Corpo: Percepção em unidade X Percepção dicotômica

Conforme Pinto (2003), a compressão do ser humano enquanto uma dualidade entre mente e corpo não é algo universal e eterno, posto que a mesma é construída nos contextos das relações entre o indivíduo e o ambiente.

Essa percepção de corpo em unidade e a dicotomia corpo-mente, vem sendo ao longo da história marcada e refletida por diferentes pensadores. Segundo Ambrósio (2017), na Terapia Ocupacional não há um consenso, mas, Almeida (2004 apud AMBRÓSIO, 2017) propõe compreender o corpo na Terapia Ocupacional sob duas perspectivas: “Engenharia do Movimento”, influenciada por Descartes com a concepção de corpo máquina, com foco na anatomia, mecânica, arcos e geometrias do corpo, e “Arquitetura do Movimento”, influenciada por Spinoza, que compreende o corpo em unidade interligado, olhando para as pluralidades e subjetividades de cada indivíduo.

Nessa perspectiva, Galheigo (2003) discute como o cotidiano representa a singularidade de cada pessoa, a partir de suas necessidades, mas também percebe-se como o sujeito individual se transforma em coletivo no envolvimento e nas relações durante sua participação social. Esse sujeito, que é singular e genérico ao mesmo tempo, trará sua percepção de corpo em seus cotidianos a partir de suas experiências.

Os atores sociais deste estudo trazem narrativas que atravessam essas duas percepções sobre o corpo supracitadas, como pode ser observado nas falas a seguir:

“Eu não acredito no ser divisível que Platão falava “né” que há um corpo mortal e uma alma imortal, eu acredito que nós somos seres integrais, eu sou corpo, eu sou alma e eu sou espírito. Eu acredito nessa integralização do corpo e não em um ser divisível, então, “pra” mim é isso” (Participante 06).

Para Costa (2011), sua visão de corpo é aquela em que em determinado momento prioriza a mente e em outro a materialidade do corpo. Em meio a isso, o corpo passa a ser compreendido como duas direções que ora torna sacra a sua condição de casa de alma e do

sujeito e ora negligencia a sua condição material e mortal, corpo vulnerável.

“Corpo é a minha casa, é onde eu moro, é a minha residência, para mim nós somos mais do que um corpo, nós somos espírito, nós temos uma alma que é a manifestação dos sentimentos. E nós habitamos em um corpo, e esse corpo que você utiliza é sua habitação, é a sua casa e é por isso que você está me olhando pela janela da casa que são seus olhos” (Participante 12).

Ainda para Costa (2011), o corpo do homem primitivo estava em harmonia com o ambiente, com a solução de problemas no dia a dia, no contentamento das necessidades do cotidiano, ou seja, o corpo era utilizado como instrumento de mediação entre o homem e o mundo.

“Acho que é um instrumento que [...], não instrumento, mas, como se fosse um instrumento que nossa alma tende ou nosso espírito tende executar as ações propostas, mais como instrumento. Eu acredito muito em poder superior, na espiritualidade, então, acho que é o instrumento que nós temos para executar as nossas ações através do (inaudível)” (Participante 05).

De acordo com Lobsang Rampa (1959) “o corpo é a vitrine do espírito” (apud COSTA, 2011). A concepção de libertação do espírito implica na primazia do espírito sobre o corpo, entretanto, antagonista a isso, em algumas culturas, a exemplo da asiática, entende que o corpo aprisiona o espírito com suas necessidades e dependências. E estas, causam sensações de insatisfação que sujeitam o corpo a um estado de sofrimento incessante.

“O corpo é o templo vivo do sagrado, porque eu tenho que me amar. Eu não amo Deus? Eu amo Deus né? Eu amo Deus, se eu amo Deus eu tenho que me amar. Então, eu tenho que me respeitar, sendo que eu respeito Deus de uma certa reverência pelo sagrado, eu tenho que ter reverência por mim e pelo meu corpo [...]. Nós não somos criaturas imateriais, nós somos criatura espirituais, nossa experiência é de dentro para fora então eu tenho que aprender a lidar com as limitações desse aparelho que eu estou aqui mexendo sabe?” (Participante 15).

As falas refletem o qual forte a percepção dicotômica entre corpo-mente/espírito/alma faz-se presente e forte em nossa cultura nos dias atuais.

4º Tema: Corpo e cultura sobre a influência do binômio saúde e doença.

*“Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração que
nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?”
- Cecília Meireles*

Para Cherix (2015), o corpo se faz cada vez mais presente na vida cotidiana do sujeito com a aproximação da velhice. O corpo enquanto elemento familiar de pertencimento e constituição, passa a ser algo estranho, diante disso, é necessário se atentar às mudanças que nele ocorrem.

“O meu corpo está envelhecendo no caminhar da minha idade, né? Mas, eu tenho que me acostumar com ele assim mesmo, porque eu sei que isso é normal. Não adianta eu querer voltar atrás e dizer que o corpo deveria ser melhor. Não, a gente tem que ser realista. Se o corpo está assim porque é a base do caminhar da nossa vida. Cadadia a gente vai envelhecendo e o corpo vai mudando e a gente tem que acostumar com isso” (Participante 01).

O corpo é instrumento de afirmação da cultura, neste sentido, de acordo com Mattos (2007, p 58, apud SANTOS;MEZARROBA, 2013) “o corpo é então uma produção social, e isso fica claro ao observarmos que as sociedades são compostas por códigos culturais distintos que prescrevem diferentes tratamentos e usos dos corpos”

“Então, a forma que a gente percebe essa cultura reflete muito na gente, tem muitas pessoas com distúrbio de imagem, imagine um monte de gente com distúrbio de imagem que acha que precisa estar esticando, claro que eu não estou desmerecendo os procedimentos estéticos, mas, tudo que é demais é ruim. Distúrbios de imagem, que faz você se encaixar em um padrão. E pior que essas paradas vão sendo alimentadas, uma faz, outra pessoa faz. É ladeira a baixo” (Participante 15).

Segundo Santos e Mezzaroba (2013), o julgamento de corpo bonito, feio, magro,

sarado é arraigado de valores culturais, posto que hoje, principalmente, os jovens, recorrem a variadas formas de mudar o físico, aspirando à perfeição do corpo de acordo com os padrões vigentes, entretanto, isto tem emergido algumas doenças e transtornos alimentares espantosos na sociedade.

“O poder do meio é infernal. Então, se eu começo a andar com gente que gosta de comer muito pizza, de não se exercitar, a cultura é pô não vamos aproveitar a vida, “vamo” comer “pra” caramba, vai afetar, vai fazer isso” (Participante 6).

Distante de promover a ausência de angústia relacionado aos sentimentos com o corpo, é fundamental tornar possível o direcionamento para outras angústias vivenciais. O crucial nesse contexto é a mudança na relação entre o sujeito e o mundo em que vivencia, isso por meio da compreensão de que saúde está relacionada à liberdade e à movimentação do corpo e da mente (VILHENA; NOVAES; ROSA, 2014).

“Então, eu me vejo bem com meu corpo no meu dia-a-dia, como eu disse, não tenho vontade de mudar nada dele, o que eu poderia e posso e preciso é cuidar mais no sentido exercício e saúde pra viver bem, não simplesmente por conta de aparência física, mas, principalmente, por questão de saúde” (Participante 14).

As falas dos atores sociais, nas quatro temáticas discutidas, apresentam percepções importantes sobre o corpo para Terapia Ocupacional. Refletir sobre como esses líderes compreendem suas experiências corporificadas a partir da percepção de corpo e cultura como legado e conhecimento, como expressão, percepção em unidade e percepção dicotômica; ou ainda sob o binômio saúde e doença, atravessados por marcadores como religião/espiritualidade e gênero, assim como, o próprio processo de envelhecimento, permite refletir sobre a influência desses líderes em seus territórios e como a Terapia Ocupacional pode contribuir para potencializar aspectos construtivos e positivos na relação corpo-cultura-cotidiano em ações futuras junto a estas pessoas e outras populações.

Estratégias de ações grupais e coletivas para promoção de cuidado e aumento da participação social valorizando a cultura local, saberes e práticas corporais, projetos de vida ligados ao envelhecimento de maneira integrada entre corpo e comunidade, promoção da saúde e acesso a direitos sociais, ressignificando vivências e lugares, valorizando costumes e tradições, além de buscar ofertar atenção à saúde para além dos modelos institucionais tradicionais, mas com intersecções com o campo social, artístico e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os dados coletados por meio das entrevistas realizadas, as percepções de diferentes atores sociais sobre a cultura e o corpo no cotidiano, foram diversas, no entanto, todas as falas apresentam aspectos relacionados a vivências cotidianas de cada sujeito entrevistado. Outrossim, este trabalho se faz relevante academicamente pelo seu ineditismo a respeito do tema apontando a associação entre corpo e cultura, com percepções que corroboram com os encontrados na literatura, além de que, apesar de haver muitas pesquisas sobre corpo, cultura e cotidiano, estas não relacionam o cotidiano com as vivências de atores sociais. Destacam-se diferentes maneiras de enfrentamento às situações adversas e percepção baseada nas percepções de mundo e experiências narradas pelos participantes ligados principalmente a aspectos da cultura e do corpo.

Além disso, fica claro que é por meio das vivências de cada sujeito e da cultura em que ele acessa que há a compreensão sobre a realidade no qual está inserido e de que forma as nuances da vida cotidiana o atravessa. Ademais, por meio dos resultados e dos relatos dos participantes é possível perceber as singularidades entre eles, bem como, a forma que percebem a si e seus corpos, como lidam com as questões culturais e a travessia do cotidiano na história de vida de cada um deles no meio social. Todavia, apesar das diferenças entre as histórias de cada um deles, fica evidente que eles são tocados pelo cotidiano, pela cultura e que isso influencia no modo em que eles percebem seus corpos e que a cultura exerce um papel importantíssimo nesse acontecimento, visto que ela molda a construção da pessoa enquanto ser social.

À vista disso, com base na relevância dos resultados encontrados com o estudo, como dos possíveis desdobramentos gerados a partir dele, acreditamos na extrema relevância em ampliar a amostra para novos participantes e regiões, a fim de que mais atores sociais tenham a compreensão sobre a relação entre corpo e cultura e que assim, seja possível que eles façam reflexões sobre o impacto dela na qualidade de vida e na saúde.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. V. M. de. **A selvagem dança do corpo**. 2006.
- AMBROSIO, L.; SILVA, C. R. **Corporeidade e Terapia Ocupacional**. Relatório Final da Pesquisa de Iniciação Científica. Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, p. 104, 2017.
- ANDRADE, C. L. DE .; WIJK, C. B.; VASCONCELLOS, M. DA P. C. Corpo e cultura e corpo e saúde: análise do suplemento semanal de um jornal paulista. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 58–67, set. 2004.
- BARACAT, M.; BARACAT, J. A influência social e cultural da idealização do corpo perfeito através dos meios de comunicação e seu impacto na formação da imagem corporal. **Revista científica eletrônica de psicologia FAEF**, p. 1-11, 2016.
- BARROS, D. D.; DE ALMEIDA, M. C.; VECCHIA, T. C.. Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 128-134, 2007.
- BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:constituicao:19881005:1988#/con1988_15_12.2016/art_215_.asp. Acesso em 20 abr 2022.
- BRUCHÊZ, A. et al. Metodologia de pesquisa de dissertações sobre inovação: análise bibliométrica. **Desafio on line**, Caxias do Sul-RS, v. 6, n. 1, 2018.
- CASTRO, E. D. et al. Ateliês de Corpo e Arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 254-262, 2011.
- CHERIX, K. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 39-51, 2015.
- CIRINEU, C. T.; ASSAD, F. B.; UCHÔA-FIGUEIREDO, L. R. A abordagem corporal como estratégia utilizada por terapeutas ocupacionais junto a agentes comunitários de saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 28, p. 74-85, 2020..
- COSTA, V. M. M. Corpo e história. **Revista Ecos**, v. 10, n. 1, 2011.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1994.
- FERREIRA, D. M. M. Do semelhante ao mesmo, do diferente ao semelhante: sujeito, ator, agente e protagonismo na linguagem. **Revista brasileira de linguística Aplicada**, v. 17, p. 619-640, 2017.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Organicom**, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, p. 5-25, 2020.

GONÇALVES, M. V.; DA COSTA, S. L.; TAKEITI, B. Akemi. **Terapia ocupacional e cultura: atravessamento, recurso ou campo de atuação?/Occupational Therapy and culture: crossing, resource or practice field?.** **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO**, v. 1, n. 5, p. 538-555, 2017..

HALL, S. **El trabajo de la representación.** IEP – Instituto de Estudios Peruanos: Lima, Maio, 2002.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** 10º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LIBERMAN, F. O corpo como pulso. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 33, p. 449-460, 2010.

LIBERMAN, F. Trabalho corporal, música, teatro e dança em terapia ocupacional: clínica e formação. **Cadernos Centro Universitário São Camilo**, v. 8, n. 3, p. 39-43, 2002.

MENDES, M. I. B de S.; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**, p. 125-137, 2004.

MINAYO, M. C. de S.; HARTZ, Z. M. de A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & saúde coletiva**, v. 5, p. 7-18, 2000.

MORAES, M. L. B.; Hall, S.: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, v. 3, n. 2, p. 167-172, 2019..

PINTO, R. N. Civilidade, corpo e escolarização da criança: o legado de Descartes e Rousseau. **Póiesis Pedagógica**, v. 1, n. 1, p. 76-89, 2003.

PIMENTA, J. O. N. et al. **Representação artística da mulher através do retrato.** 2017.

RAMOS, L. L. **Materialidades e simbolismos do Barco-de-fogo em Estância/SE.** 2018.

RIOS, J. T. de O. O corpo que dança: reflexões sobre as pesquisas do corpo nos legados de Pina Bausch e Rudolf Von Laban e as suas influências no processo de composição cênica na dança contemporânea [Mayara Emanuelli Silveira do Carmo]. **Repertório**, p. 227-234, 2013.

SANTOS, V. M.; MEZZAROBA, C. A percepção da imagem corporal: algumas representações de corpo na juventude. **EFDeportes Revista Digital**, v. 18, n. 32, p. 170-181, 2013.

SILVESTRINI, M. S.; SILVA, C. R.; PRADO, A. C. da S. A. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Cadernos Brasileiros de Terapia**

Ocupacional, v. 27, p. 929-940, 2019..

VALENT, I.; ELIANE, U. Por entre as linhas dos dispositivos: desafios das práticas contemporâneas na interface terapia ocupacional e cultura. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 24, n. 4, 2016.

VILHENA, J. de; NOVAES, J.de V.; ROSA, C. M. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, p. 251-264, 2014.

ZUBARAN, M. A.; WORTMANN, M. L.; KIRCHOF, E. R. Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: cultura, representações e identidades. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 56, 2016.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS

a) Qual o significado de ansiedade, medo, vida, amor, família, inveja, raiva, tristeza, culpa,

vergonha, preconceito, compaixão, oração, alegria, saudade, morte, arrependimento, fé, Deus, felicidade, paz, sonho, senso de humor, ciúmes e ódio; e como cada uma dessas emoções, sentimentos e/ou afetos se processam na sua vida?

- b) Quais as emoções, sentimentos e/ou afetos que são mais frequentes e ocupam maior parte do seu cotidiano?
- c) Como consegue sair de uma situação difícil e/ou estressante que enfrenta?
- d) Qual o melhor e o pior dia da sua vida?
- e) O que é saúde para você?
- f) Qual o sentido da vida para você?
- g) Tem medo da morte?
- h) Você é feliz? Por que?
- i) Se pudesse voltar no tempo faria alguma coisa diferente?
- j) O que você acha que está faltando no mundo?
- k) O que é corpo para você? Como você se relaciona com ele?
- l) Você acredita que suas emoções e sentimentos afetam seu corpo e a forma como você se relaciona com ele?
- m) Como você percebe seu corpo no cotidiano?
- n) O que significa cultura para você?
- o) Você acha que a cultura modifica a forma como lidamos com nossos sentimentos, emoções e afetos?
- p) Você acredita que a cultura afeta nossa relação com o corpo? Como você percebe seu corpo nesta relação: sentimentos, emoções, afeto e cultura?